

EAAD'25

Testemunhos I

JORGE CORREIA
ANA LUÍSA RODRIGUES
JOÃO CABELEIRA

2025

TESTEMUNHO

Jorge Correia

EAAD'25

Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

SETEMBRO 2025

Notas Soltas sobre uma Experiência Académica

Do percurso

Agradecendo ao Professor Paulo Cruz o honroso convite para integrar este conjunto de testemunhos que assinala as bodas de prata da agora designada Escola de Arquitetura, Arte e Design (EAAD), procurarei partilhar nas próximas linhas um percurso académico e profissional que se iniciou em 2001, ano inaugural do 5.º ano curricular da Licenciatura em Arquitetura, então em fase terminal da sua primeira geração de diplomados. Dificilmente, o tom conseguirá escapar a traços autobiográficos e a uma cumplicidade inevitável com a minha carreira na Universidade do Minho (UMinho), ultrapassando mesmo os primeiros vinte e cinco anos desta instituição que aqui se celebram e avançando até aos dias de hoje.

O meu percurso académico acompanhou, de forma paralela e interdependente, a evolução orgânica da escola que hoje conhecemos como EAAD. Iniciei funções como monitor (2001-2004), vindo a desempenhar, sucessivamente, os cargos de assistente convidado (2004-2006), professor auxiliar (2006-2011), professor associado (2011-2022) e, mais recentemente, professor catedrático (desde 2022). Este percurso coincidiu com a transição do então Departamento Autónomo de Arquitetura (DAA) para Escola de Arquitetura (EA) em 2008, culminando na sua reformulação como EAAD em 2021.

Desde o princípio da minha atividade docente, estabeleci uma relação estreita com o plano de estudos da Licenciatura em Arquitetura, posteriormente com o Mestrado Integrado em Arquitetura (Miarq), implementado

a partir de 2006/07, e ainda com o Plano Doutoral em Arquitetura (PDA). Esta ligação traduziu-se predominantemente na lecionação e coordenação de unidades curriculares no domínio da história da arquitetura, da história da cidade e das metodologias de investigação. À luz da definição tripartida de perfis científicos da área disciplinar da Arquitetura — estruturada na revisão curricular do Miarq — seria legítimo posicionar este percurso no seio da Cultura Arquitetónica, com cruzamentos com Cidade e Território. Contudo, a constante chamada para o desempenho de funções de gestão académica e de representação institucional imprimiu variações transdisciplinares ao meu trajeto, ampliando a minha visão crítica e epistemológica do campo e exigindo um constante reposicionamento do meu lugar enquanto docente e investigador. Com orgulho e convência, fui acompanhando e contribuindo para a construção e afirmação de uma ideia de Escola na UMinho.

Os primeiros anos de docência foram, em grande medida, de iniciação e descoberta institucional, marcados pela elaboração do meu doutoramento e por uma intensa aprendizagem didática. O ambiente então vivido no DAA era particularmente dinâmico, quer pelas discussões pedagógicas nas reuniões de docentes — muitos dos quais envolvidos em provas de aptidão científico-pedagógica ou em projetos de doutoramento — quer pelo espírito coletivo que perpassava as turmas de estudantes, num período em que o plano de estudos era vivido como um esforço comum de consolidação e crescimento. Foi um tempo heroico de grande mobilização, dedicado à estabilização de programas curriculares, à definição de estratégias horizontais de cooperação docente e à implementação de atividades extracurriculares relevantes.

Dessa altura resultaram duas viagens de estudo de final de curso — à Turquia em 2002 e a Marrocos em 2003 — que, cruzando saberes, coroavam o percurso pedagógico de alunos no 5.º ano. Da experiência do território aberto à vivência do percurso urbano, do contacto com a escala dos

objetos ao inquérito desenhado ou fotografado, a viagem informa, organiza e questiona a memória visual e dimensional no viajante, criando referências alongadas para o trabalho de projeto e qualificando o desenho de cada um como projeção na construção disciplinar do seu pensamento. Embora esta tradição de viagens de estudo internacionais tenha sido, durante anos, uma prática distintiva e estruturante, levando docentes e estudantes por rotas temáticas europeias, importa lamentar a sua progressiva rarefação, dificultada por fatores logísticos e/ou financeiros, que comprometem o seu papel enquanto ferramenta pedagógica de uma comunidade académica dedicada à arquitetura e, mais recentemente, ao design de produto e às artes visuais.

A partir de 2006, com a integração no Conselho Científico do DAA, intensificaram-se as responsabilidades académicas, num momento em que a Licenciatura em Arquitetura mantinha uma relação por vezes tensa com a Escola de Engenharia. A coexistência de estruturas matriciais na universidade e a dificuldade de afirmação de uma autonomia disciplinar plena foram desafios constantes, parcialmente mitigados pelas instâncias de mediação e negociação como a Comissão de Curso. Estas experiências constituíram-se como indicadores de um envolvimento contínuo com a gestão executiva da Escola.

Enquanto diretor do Miarq (2009-2012), prossegui o árduo trabalho de adequação definitiva do Novo Planos de Estudos no âmbito do Processo de Bolonha. Tratou-se de um processo denso, pleno de novidades e hesitações que ainda hoje subsistem. A passagem de um modelo de curso de arquitetura integralmente obrigatório, com acenuada carga letiva de contacto, para um plano de estudos parcialmente optativo com substancial redução dos tempos de aula visava promover a liberdade de definição de trajetos mais vocacionais pelos estudantes, ao mesmo tempo que lhes procurava imputar maior autonomia de trabalho. Volvidos mais de quinze anos, e redigindo este texto num momento que um novo planos de estudos acreditado

entra em funcionamento no Miarq, se do primeiro desígnio transparece um claro ganho qualitativo, marcado pela estabilização de três perfis — Cidade e Território; Construção e Tecnologia; Cultura Arquitetónica — com amplo reconhecimento nacional e internacional da grelha curricular, a erosão do tempo letivo em presença continua a levantar-me as mais sinceras dúvidas e a alimentar uma discussão que permanece e atravessa a academia.

No triénio 2015-2017, desempenhei funções de vice-presidente da EA, assumindo simultaneamente a presidência do Conselho Pedagógico. Integrando uma equipa liderada por Maria Manuel Oliveira, percebo hoje como este foi o período de maior carga de trabalho, mas também de maior aprendizagem e abertura disciplinar, acompanhando a diversificação de áreas científicas com que a então EA se enriquecia. Entre muitos outros assuntos, em cima da mesa estiveram a preparação e ressubmissão de novo plano de estudos para o curso de Licenciatura em Artes Visuais, a preparação e submissão de um primeiro segundo ciclo autónomo na Escola — o Mestrado em Design de Produto e Serviços —, assim como a revisão integrada das provas de acesso aos cursos de formação inicial, acompanhada pela divulgação pré-universitária dos cursos, com forte impacto no ranking dos colocados no ensino superior.

Entre 2017 e 2020, novo desafio se colocou com a direção-adjunta do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT), função que precedeu a minha eleição, em 2020, como diretor da referida unidade de investigação, recém classificada com a menção de ‘Excelente’ pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Aliás, desde a sua criação que a coordenação de um dos seus três grupos — Espaço e Representação (SpaceR) — constituía fórum de reflexão, instrução e ação, agregando investigadores não apenas de arquitetura e artes visuais, mas também colegas de história e geografia do Instituto de Ciências Sociais (ICS). A aventura da formação do Lab2PT, centro de investigação pioneiro na universidade por ser partilhado

entre duas unidades orgânicas — EAAD e ICS — foi já asservivamente explorada por Paulo Cruz e Vincenzo Riso nos seus testemunhos, pelo que me permito não detalhar de novo, revendo-me nas suas palavras e agradecimentos.

A partir de 2021 e por inerência, integrei também a vice-direção do Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST), um marco institucional relevante por se tratar de um dos raros laboratórios associados do país nas áreas das artes, humanidades e ciências sociais. Em bom rigor, a conceção deste laboratório associado ampliava o ambiente transdisciplinar que o próprio Lab2PT já comportava e, com ele, a elasticidade cultural dos seus investigadores e suas atividades, como as que desenvolvia eu.

Mais recentemente, aceitei o desafio de integrar a atual equipa de presidência da EAAD, liderada por Paulo Cruz, como vice-presidente para a Cultura e Internacionalização. A experiência acumulada nos domínios da docência, da investigação e da gestão — em particular no âmbito de programas e redes de mobilidade internacional — justificou, em parte, esta nomeação, a qual vejo como uma extensão natural do percurso anteriormente delineado.

Paralelamente, entre 2009 e 2016, devo sinalizar a minha modesta contribuição para o estabelecimento do Centro de Estudos da Escola de Arquitetura da Universidade do Minho (CEEaUM). Então como subdiretor, pude assistir à força de Maria Manuel Oliveira como mentora, criadora, coordenadora e projetista no organismo que mais se aproxima da prática da arquitetura na Escola, verdadeira ponte entre ensino, investigação e projeto, entre estágio e profissão.

Por muito que este comentário ou reflexão pessoal seja sobre o meu percurso, ele não se fez sozinho. Pelo contrário, derivou de interações e por elas foi alimentado por muitos colegas, em particular todos aqueles que em órgãos de gestão, nomeadamente o conselho científico, nutriram debates, articularam pontos de vista, construíram

consensos. Para além dos dois presidentes de Escola já mencionados atrás, permito-me destacar os co-vice-presidentes Pedro Bandeira, Natacha Moutinho, João Cabeleira e Susana Gaudêncio que anterior ou atualmente, mas sempre cumplidamente, partilharam aqueles fóruns; também Paulo Mendonça nos difíceis anos de transição da licenciatura em arquitetura para o Miarq. Estendo um agradecimento a todo o dedicado corpo de pessoal técnico, administrativo e de gestão, especialmente a Carolina Pires e, agora, a Sandra Pereira, como secretárias de Escola e pedagogas da minha experiência, a Lucinda Oliveira, verdadeiro pilar do curso e do pedagógico, e a Sandra Barbosa, alicerce do Lab2PT em Azurém.

Porém, se este percurso apresenta vários horizontes multidisciplinares por via da didática ou da investigação, mas também da gestão académica, tratou-se fundamentalmente de um caminho científico-pedagógico na história da arquitetura e do urbanismo. A esta dimensão específica dedicarei a segunda parte deste testemunho.

Neste mais de um quarto de século, a Escola cresceu e amadureceu com a oferta de seis cursos acreditados conferentes de grau, a criação e avaliação excelente de uma unidade de investigação, a integração num laboratório associado financiado, a dinamização de um centro de estudos reconhecido, a gestão de três espaços educativos em Guimarães, o equipamento de vários laboratórios e oficinas, ou ainda com a formação avançada completa de todo o corpo docente. De igual modo, a Escola envelheceu e cedeu, vendo esse mesmo corpo docente cristalizar quase dramaticamente ao ponto de pouco se renovar, assimilando e replicando vícios da academia, vergando-se ao peso irremediável da burocracia institucional. Também triunfou com a concretização de uma aspiração antiga, vendo espelhado na sua designação o reflexo da sua praxis: arquitetura, arte e design. Move-se, e com ela todos nós que a habitamos, (des)construímos, amparamos e criticamos quotidianamente, por entre fricções, heranças e ambições.

Da história da arquitetura

A vocação pela história da arquitetura germinou em mim muito cedo, alimentada por um fascínio persistente pelas culturas do passado e pelas suas formas de expressão espacial. Recordo, com a nitidez que apenas a memória afetiva permite, o precoce anseio de explorar e ensinar as histórias das arquiteturas da Antiguidade arcaica — um desejo que, embora nascido na juventude, viria a orientar decisões formativas e a moldar o percurso que desde então trilhei. Esse sonho encontrou a sua primeira expressão formal na dissertação de licenciatura que defendi na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob o título *Ensaio sobre as Origens da Arquitetura: Arquitetura do Próximo Oriente Pré-Clássico*. Nessa investigação, ensaiei uma abordagem crítica às práticas construtivas do Crescente Fértil, tentando compreender de que modo os primeiros gestos arquitetónicos expressavam não apenas cosmovisões e modos de habitar, mas sobretudo inauguravam quase todas as soluções técnicas e estruturais do ambiente construído até ao século xx.

Este interesse constituiu o alicerce de um percurso académico centrado na história da arquitetura, num contexto institucional que, como sucede em muitas escolas ou departamentos de dimensão reduzida, exigiu uma constante atualização e consolidação pedagógica e científica. A UMinho não foi exceção. O ensino da história da arquitetura, frequentemente confundida com a história da arte, também ela com pouca expressão no ICS, queria-se para futuros arquitetos. A escassez de massa crítica e de recursos humanos obrigava à multiplicação de funções e à flexibilidade temática, o que, longe de constituir apenas obstáculo, permitiu também a sedimentação de uma abordagem integrada, simultaneamente abrangente e rigorosa.

Com o tempo, a área ganhou autonomia relativa e densidade teórica, inserindo-se progressivamente na consolidação do domínio mais vasto da Cultura Arquitetónica, para o qual contribuo também com trabalhos que cruzam

a história urbana, a representação do espaço e os legados da historiografia. As provas de agregação que apresentei, sob o tema *Orientalismo e Espaço Urbano*, constituíram uma tentativa de articular criticamente a história da arquitetura com os estudos pós-coloniais e a leitura do território, propondo um diálogo entre memórias históricas, geografias culturais e práticas de projeto.

Neste percurso, outras reflexões se colocaram como a distinção convencional entre história e teoria da arquitetura. Frequentemente replicada em planos curriculares e estruturas disciplinares, tende a ocultar zonas de sobreposição produtiva, mas também de desconforto metodológico. A história, por definição, trabalha com o tempo: implica distanciamento, exige análise, convoca o exercício da leitura crítica de obras, cidades e paisagens que, embora pertencentes ao passado, se tornam atuais na medida em que os seus valores e problemas se projetam do presente para o futuro. Não se trata apenas de interpretar edifícios, mas de compreender os processos construtivos, sociais e culturais que os configuram e que estruturam o modo como são percebidos.

Esta relação com o tempo impediria a contemporaneidade de integrar o discurso da história da arquitetura, algo que seria reclamado pela teoria da arquitetura. Porém, esta — ou, talvez mais justamente, os chamados “estudos em arquitetura” — tem enfrentado dificuldades epistemológicas desde o colapso dos tratados de arquitetura no século XIX e, mais recentemente, com o esgotamento do paradigma estruturalista nos anos 1970. Como bem recordava Paulo Varela Gomes, a teoria da arquitetura ficou metodologicamente órfã, em busca de um novo estatuto ontológico que se confunde com a reflexão sobre o projeto e a paisagem, ou seja, com a própria disciplina da arquitetura. Esse hiato contribuiu para que, em muitas escolas de arquitetura portuguesas, incluindo na UMinho, se cultive uma certa desconfiança — ou mesmo um complexo — em relação à história da arquitetura, sobretudo quando esta não se limita à análise estilística e cronológica, mas ambiciona

compreender o edifício e a cidade como construções culturais reverberantes no presente.

Apesar disso, a história da arquitetura tem sabido encontrar o seu lugar como crítica analítica do passado, capaz de reler edifícios, cidades e territórios como se fossem contemporâneos — isto é, como se o tempo não os tivesse alienado, mas apenas enriquecido de sentidos. Essa capacidade de atualização crítica é uma das suas mais valiosas potencialidades, e talvez por isso continue a resistir, a renovar-se e a trabalhar com a teoria da arquitetura. Ambas continuam paralela e complementarmente definidas na recém aprovada grelha curricular do Miarq, agora reforçadas com o estabelecimento de tempos práticos para quase todas as unidades curriculares destas duas subáreas da arquitetura. Tratava-se de uma reclamação antiga que resgata a história e a teoria da arquitetura da sua condição meramente expositiva teórica e as oferece com mais proximidade e capacidade de diálogo entre alunos e docentes, algo que estava apenas consagrado para *História da Arquitetura III* do Miarq a partir de 2006/07.

Por entre estas deambulações, a minha formação foi profundamente influenciada por mestres cuja autoridade científica e sensibilidade pedagógica moldaram não apenas o meu entendimento disciplinar, mas também o modo como encaro o papel como docente e como investigador. Ainda como aluno na FAUP, destaco Alexandre Alves Costa, figura tutelar na moldagem desta área científica na UMinho, e Paulo Pereira, de quem fui assistente durante quatro anos já no DAA. Um arquiteto, outro historiador da arte, foram modelos seminais e complementares para a minha visão da história da arquitetura portuguesa.

Aliás, nos seus primeiros anos, a Licenciatura em Arquitetura beneficiou de outros contributos magistrais por figuras tutelares como Domingos Tavares, Paulo Varela Gomes, João Vieira Caldas ou Jorge Figueira em unidades curriculares como *História da Arquitetura Antiga e Medieval*, *História da Arquitetura Moderna* ou *História da Arquitetura Contemporânea*. Conjugaram, cada um a seu modo, o rigor

historiográfico com a sensibilidade arquitetónica, deixando marcas nas primeiras gerações de arquitetos que então se formavam. Alguns deles participaram no *Encontro sobre o Ensino da História a Futuros Arquitetos* coorganizado por Eduardo Fernandes em 2002, iniciativa pioneira em território nacional, que procurava repensar criticamente a função e o estatuto da história nos currículos de arquitetura, colocando em diálogo docentes de várias escolas portuguesas numa mesa redonda coordenada por Fernando Távora.

Na UMinho, pretende-se continuar este legado de grande responsabilidade em conteúdos relacionados com arquiteturas antiga, medieval, moderna e portuguesa, contando com as preciosas colaborações de Paula Bessa, Ana Lopes, João Cabeleira, Ilídio Silva ou Ana Sofia Silva, a par de vários outros colegas para o período contemporâneo. Em simultâneo, inserida nas atividades de extensão universitária e interação com a sociedade, desenvolveu-se a CoLePa — Coleção de Levantamentos de Património —, uma plataforma visual de partilha de levantamentos arquitetónicos de edifícios históricos. Herdando o repositório prático da experiência acumulada em unidades curriculares do curso de arquitetura da UMinho, está vocacionada para a divulgação e valorização do património edificado português. Conta com mais de duzentos e cinquenta edifícios e/ou estruturas edificadas, concentradas no noroeste de Portugal e levantadas por estudantes em *História da Arquitetura Portuguesa*, *História da Arquitetura III* e *Laboratório de Investigação*. Como referido atrás, a importância de tempos práticos ou laboratoriais revelou-se essencial para potenciar uma relação próxima com o território edificado e social. Procurou-se que a investigação evoluísse de um trabalho de campo e de uma recolha documental para uma análise tipológica, morfológica, construtiva e evolutiva dos objetos, baseada numa forte componente gráfica, analítica e interpretativa.

Houve também oportunidade de expandir o campo de ação com a proposta de unidades curriculares opcionais como *Expansão Portuguesa: arquitetura e cidade* ou *Cidade*

Islâmica já no Miarq, ou até mesmo através da criação e coordenação do *Curso de Formação Especializada em História da Arquitetura*, sediado no então DAA, onde se explorava os dispositivos urbanos e edificados do período colonial enquanto expressões do poder, da arte e da representação espacial, principalmente no seu confronto estratigráfico e cultural com o Islão.

A respeito da prática pedagógica, não posso deixar de reiterar o papel central das visitas de estudo como instrumentos privilegiados de ensino-aprendizagem na história da arquitetura. Participei, organizei ou acompanhei diversas dessas viagens, muitas das quais se tornaram momentos fundacionais da experiência pedagógica dos estudantes. Para além das mencionadas anteriormente, destaco outras realizadas no âmbito de unidades curriculares específicas: em *Cidade Islâmica*, com viagens a várias cidades marroquinas; e outras, no âmbito das unidades curriculares de *História da Arquitetura Portuguesa* ou *História da Arquitetura III*, com visitas a Alcobaça, ao Alentejo ou a Guimarães, algumas inseridas no contexto de aulas de campo. Estas experiências continuam a constituir uma poderosa ferramenta de construção do olhar, de apropriação da escala e de compreensão empírica do espaço.

Paralelamente, tem-se procurado afirmar esta área pela sua internacionalização. Chamou-se a Guimarães, em 2010, a primeira conferência internacional da European Architectural History Network (EAHN). Com mais de duzentos e cinquenta participantes inscritos de trinta países, o evento representou um ponto de viragem na visibilidade da área em Portugal, reforçando a integração da comunidade científica nacional numa rede de investigação global de excelência, e reforçando a projeção internacional da UMinho neste domínio. Com o apoio de Ana Lopes, Bruno Figueiredo, João Cabeleira, João Rosmaninho, Maria Manuel Oliveira e Sandra Pereira foi possível levar este *local* a uma esfera *global* e desta receber uma interlocução e um retorno que se mantém até à atualidade.

Em conclusão, a história da arquitetura que ensino e investigo não é apenas uma disciplina entre outras. É, antes, uma forma de pensamento crítico sobre o espaço e sobre o tempo, sobre o modo como a humanidade habita, constrói, representa e simboliza os seus lugares. E é também uma herança viva — feita de mestres, livros, viagens e estudantes — que procuro (re)significar continuamente na EAAD, projetando os próximos vinte e cinco anos para uma Escola, seguramente muito diferente, mas desejavelmente pulsante porque necessária à universidade e à comunidade.

TESTEMUNHO

Ana Luísa Rodrigues

EAAD'25

Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

2025

Uma Escola

“Com o compromisso de promover uma publicação que revisitasse os primeiros 25 anos da nossa Escola e relembresse o papel e o contributo dos que participaram na sua construção (...), “DESAFIARAM-ME a escrever” um testemunho dos principais marcos e marcas deste período da sua construção.”

Foram estas palavras que me fizeram aceitar este desafio porque, antes de mais, reconheço-me na origem de toda esta história. O meu contributo no ensino da Arquitetura, na Universidade do Minho, remonta ao ano 1999, quando ainda nem eramos Escola, mas um Departamento Autónomo na Escola de Engenharia. Quando “Arquite(c)tura” ainda se escrevia com “c” e a licenciatura durava cinco anos letivos. Às unidades curriculares chamávamos “cadeiras” ou “disciplinas”, e os anos eram longos, de Setembro a Julho, sem grandes sobressaltos. Vim lecionar o primeiro “3.º ano” do Curso de Arquitetura, regendo uma disciplina promissora e arrojada, designada de Desenho Assistido por Computador. À época, os PC (Personal Computers) eram coisa rara, por isso os alunos simplesmente dividiam-se por turnos, partilhando, aos pares, o mesmo computador, disponibilizado apenas durante o período letivo (4h semanais). Tudo se realizava na sala de aula e o tempo tinha de ser otimizado com precisão. Foi assim que começou a minha estória.

Decidi, contudo, aproveitar esta oportunidade para focar a minha reflexão em torno do ensino da Arquitetura, ou da vertente pedagógica, mais do que no meu percurso pessoal, mais do que no meu currículo ou no relato dos anos, dos

planos, dos colegas com que me cruzei e que foram relevantes, acompanhando-me ao longo do tempo. Nem tampouco estou particularmente interessada em relatar o contributo das minhas atividades administrativas, enquanto Vice-Presidente/Presidente do Conselho Pedagógico, quando participei em dois mandatos regidos por dois Presidentes (Prof. Paulo Cruz e Prof. Vincenzo Rizo), porque certamente o mais relevante já terá sido salientado pelos seus próprios testemunhos.

Aqui, pretendo lembrar como era ser docente num Curso que nascia de uma semente herdada pela FAUP, com Távora no seu ADN. Um Curso que partilhava os mesmos princípios, e até os mesmos Professores. Um Curso que nasceu meio-irmão da escola do Porto, mas que ambicionava autonomizar-se e revelar a sua própria identidade. Este Curso plasmava-se nas tradições enraizadas no ofício da Arquitetura, por isso a equipa docente exercia a profissão em simultâneo com a docência do projeto, num registo de continuidade laboratorial da prática da Arquitetura, como se de um Atelier se tratasse. E este era o seu foco principal. Todas as “outras” disciplinas nutriam o Projeto, simplesmente restringidas a um “papel secundário”, ainda que fundamental.

Entretanto o Processo de Bolonha, que visava estruturar um conjunto de reformas no sistema de ensino superior com o objetivo de criar um espaço europeu compatível e competitivo, estava já em ebulição. Acima de tudo, promovia a padronização do sistema de ensino (facilitando a mobilidade de estudantes, através dos créditos ECTS), e introduzindo uma estrutura de estudos em três ciclos (licenciatura, mestrado e doutoramento), colocando o ensino da Arquitetura ao nível do Mestrado Integrado (cinco anos). Ou seja, Bolonha impunha uma reorganização do ensino superior português, levando à adaptação dos planos de estudo em vigor e à criação de novos cursos. Assim, o inevitável acontecia na nossa Universidade: o Curso tinha que mudar, e a Escola também. Quando me ausentei, no âmbito da minha dispensa de serviço para fazer o meu doutoramento, era este o grande objetivo.

Uma outra Escola

Em 2008, ao regressar com o doutoramento concluído, já Prof. Auxiliar, a Escola era outra. O Curso era outro. E até os colegas eram outros, também. De facto, quando regresssei, entrei num novo mundo onde tudo era novidade: dos objetivos à linguagem; da estrutura do Curso ao calendário; dos conteúdos às metodologias. Até o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa entrou em vigor (logo no ano seguinte), forçando-nos a reaprender a escrever, assumindo como correto o que outrora era erro.

Mas, acima de tudo, passávamos a ser Escola de Arquitetura. Tínhamos um novo nome (EAUM), um novo edifício (com a assinatura Távora), um novo curso (Miarq) e uma nova estrutura administrativa interna, para gerir. A escala era outra, do edifício ao corpo docente/discente. Deparei-me com um Curso diferente, com etapas e metas para cumprir, designadamente um Plano de Estudos que tinha de ser certificado e validado pelas entidades competentes, nomeadamente a acreditação do Miarq pela A3ES. Tratava-se do angustiante princípio dos princípios, ofuscado pela necessidade de inovar e a ânsia de ser legitimado. Tudo tinha mudado, porque os tempos assim obrigavam, ainda que, no final de contas, pouco tinha mudado, pois os alunos seriam, simplesmente, Arquitetos. Seriam Arquitetos, como sempre (com ou sem grau de mestre “integrado”), porque o ofício da arquitetura mantinha-se, na sua génese, inalterado.

Tratou-se de um tempo acelerado, onde tudo tinha de acontecer com a maior brevidade possível. O tempo da

necessária ponderação foi suprimido pela inevitável corrida em contrarrelógio. No novo curso as disciplinas (agora unidades curriculares) passaram a ser todas semestrais. Os conteúdos programáticos foram definidos num ápice, por assim dizer, uma vez que a nova grelha do curso implicava um aumento exponencial de UCS. Os dois últimos anos (4.º e 5.º) subdividiam-se em três linhas temáticas distintas (Território; Construção; Cultura Arquitetónica) forçando a uma reorganização disciplinar estratégica, tornando-se na principal transformação do Plano de Estudos, bem como, naquilo que mais nos distinguia dos restantes Cursos de Arquitetura do resto do país. Tínhamos, finalmente, delineado a nossa identidade!

Com a “semestralização”, foi necessário reaprender os tempos de aprendizagem, bem como redefinir períodos de avaliação. Na prática, alteraram-se as horas de contato (relação docente/discente), o que implicou reformular os exercícios das práticas laboratoriais, designadamente os projetos de arquitetura. Foi necessário repensar tudo e deixar o tempo acertar metodologias e calendarizações. Na década seguinte, os conteúdos programáticos foram amadurecendo, bem como se consolidou um corpo docente ágil e flexível, habituado a mover-se nas diferentes áreas disciplinares e temáticas, às custas da complexa articulação de um plano de estudos significativamente fragmentado.

No entanto, a dispersão das unidades curriculares e a crescente exigência de múltiplas disciplinas representaram, de facto, um desafio considerável para os alunos de Arquitetura. Ao ampliar a variedade de conhecimentos e competências a serem adquiridos, o curso investia numa formação mais completa e interdisciplinar, pretendendo enriquecer a visão do futuro profissional. Esta transformação refletia uma tendência educacional mais ampla, que valoriza a versatilidade e o conhecimento holístico, exigindo dos alunos uma gestão mais eficiente do tempo e uma maior capacidade de integrar diferentes saberes.

Contudo, esta mudança também pode diluir o foco específico no projeto de arquitetura, levando a uma possível redução da profundidade e da atenção dedicada às competências tradicionais do seu campo disciplinar. Assim, embora o curso se torne mais abrangente, é importante garantir que o núcleo do projeto arquitetônico não seja negligenciado, preservando a essência que caracteriza a formação de um arquiteto.

Entretanto, na qualidade de regente de Projeto II, para enriquecer a experiência pedagógica e complementar uma vertente fundamental do ensino da Arquitetura, promovi o recurso às Viagens de Estudo, destacando a sua importância como ferramenta disciplinar. As viagens à Suíça, Alemanha, Holanda, França (entre outras), ofereceram uma oportunidade única aos alunos (alguns nunca tinham sequer saído do país, ou viajado de avião), designadamente no contato direto com obras arquitetônicas e urbanísticas relevantes, existentes em distintos contextos culturais, estimulando a observação crítica, a compreensão espacial e a reflexão sobre diferentes abordagens construtivas. Estou certa que, para além de ampliar a formação técnica e estética dos alunos, favorecem o desenvolvimento de uma visão mais integrada e contextualizada do campo disciplinar da Arquitetura, consolidando-se como um complemento indispensável no seu ensino. Só deste modo o aluno pode experienciar “o corpo no espaço”, conscientizando-se da escala real, ultrapassando a superficialidade da observação de uma imagem virtual.

No relato destes últimos anos, esta prática pedagógica foi, sem dúvida, a memória que mais me apraz recordar. Apesar do esforço logístico envolvido ter sido considerável, os resultados evidentes e os benefícios alcançados tornaram tudo extremamente compensador. Esta experiência acabou por vincular a importância de estratégias alternativas e do compromisso na busca por melhorias no processo de ensino-aprendizagem.

E agora uma outra, ainda outra Escola...

Já na eminência da entrada em vigor da atual revisão curricular, encontro-me expectante sobre a nova, a outra, alteração ao Plano de Estudos que nos espera já no próximo ano letivo (2025/26). Surgiu, uma vez mais, a oportunidade de correção e de mudança do que se definiu como urgente de retificação. Nos últimos anos exigiu-se esta reflexão: o repensar do que entendíamos como já desajustado. Escusado será dizer que, agora, a opinião singular é obsoleta, a partir do momento em que a Escola assumiu uma posição unificadora e representativa. Neste sentido, não me compete expor, ou sequer referir, as alterações que foram articuladas no novo plano. Cabe-me apenas enunciar, aqui, o que julgo importante rever enquanto docente desta Escola, independentemente das unidades curriculares que irei lecionar.

Ou seja, este é o momento de destacar a importância de nos mantermos abertos às mudanças e de valorizar a visão coletiva na construção do novo currículo disciplinar desta nossa “outra” Escola, que iremos continuar a consolidar, cristalizando a sua identidade. Ao mencionar a expectativa pela implementação de novas alterações para o próximo ano letivo, é necessário, acima de tudo, assumir uma postura de maturidade e adaptação às evoluções pedagógicas, reconhecendo que a opinião individual deve ceder espaço à visão unificada da Escola. Julgo ser igualmente importante valorizar o momento de correção e de ajuste, entendendo-o como uma oportunidade de aperfeiçoamento

contínuo. A reflexão sobre o papel do docente, enfatiza a eficácia do esforço coletivo, com foco na formação de uma Escola coesa e eficiente, que reforça a importância de uma postura aberta às mudanças, contribuindo para uma cultura de ensino que valoriza o diálogo, a reflexão crítica e o desenvolvimento constante, com o intuito de garantir que as melhorias curriculares atendam às reais necessidades dos nossos alunos.

Acima de tudo, urge refletir sobre o papel do docente que coexiste, ou até compete, com uma inegável e hegemónica Inteligência Artificial. Urge considerar uma revisão profunda dos métodos de ensino e das estratégias pedagógicas, estando conscientes do potencial preponderante das novas ferramentas tecnológicas. Não podendo ignorar a sua omnipresença, resta-nos reconsiderar as nossas abordagens pedagógicas, o que implica aproveitar as possibilidades oferecidas pelas novas ferramentas, integrando-as de forma crítica e criativa nos processos de aprendizagem. O desafio está em criar ambientes de aprendizagem que combinem a consciência humana com as capacidades da IA (designadamente enquanto organizadora de informação), promovendo uma formação mais eficiente. O papel do docente revela-se fundamental como mediador, orientador e fomentador de um pensamento reflexivo, frente às potencialidades das novas tecnologias. Logo, compete-nos repensar os nossos métodos de ensino para que se possam incorporar, de forma consciente e ética, o potencial da IA, garantindo que a formação dos nossos alunos seja ampla, consciente e preparada para os desafios dos tempos incertos que se avizinham.

Hoje, três décadas depois, cada aluno já tem o seu próprio computador, munido com uma infinita base de dados, onde toda a informação se espalha pelo mundo inteiro e se contagia à velocidade de um “clic”, ou de um simples toque no ecrã. Logo, questões como criatividade, originalidade e identidade estão forçosamente em causa, tendo em conta o âmbito estrito da prática da Arquitetura.

Talvez tenha chegado o momento de aceitar que o *modus operandi*, bem como as tradições enraizadas no ofício da Arquitetura, estejam em profunda mutação. E talvez isto resulte no maior desafio que a nossa Escola (que será “ainda uma outra”) terá que se confrontar.

TESTEMUNHO

João Cabeleira

EAAD'25

Contributos para a história dos primeiros
25 anos da Escola de Arquitetura,
Arte e Design da Universidade do Minho

2025

Tendo chegado à Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho em setembro de 2006, então Departamento Autónomo de Arquitetura, vivia-se à época um momento de particular expectativa face à adequação do plano de estudos em Arquitetura a Bolonha. Uma escola nova, com um corpo docente dinâmico e inquieto, que questionava formulações canónicas da formação em arquitetura, seja através da estrutura do plano de estudos do novo Mestrado Integrado, como pela inclusão de temáticas comumente secundarizadas. Além disso, destacava-se também a possibilidade de construção individual de percursos académicos, conforme as motivações do corpo discente de entre um amplo leque de projetos, seminários e opcionais vinculados a três áreas de especialidade: Cidade e Território; Construção e Tecnologia; Cultura Arquitetónica.

Expectativas posteriormente renovadas por outros desafios como os novos projetos de ensino nas áreas do Design de Produto e das Artes Visuais, ou, mais recentemente, a reformulação do plano de estudos em Arquitetura, agora em fase de implementação. A estes somam-se outros igualmente estimulantes, respondendo à vertente da investigação inscrita na missão da Escola, como a fundação e consolidação de uma Unidade de I&D, o Lab2PT

(Laboratório de Paisagens, Património e Território), ou a integração no Laboratório Associado IN2PAST (Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Património, Artes, Sustentabilidade e Território).

Neste contexto, e na sequência de uma participação de quase duas décadas na missão da EAAD, este testemunho concentra-se em duas frentes particulares: a atividade pedagógica, mais particularmente no domínio da geometria; as atividades de gestão e investigação no Lab2PT. Isto, sem qualquer desconsideração pela coordenação e participação em outras UC's e cursos da EAAD, ou o desempenho de cargos de gestão.

Atividade pedagógica

Na sequência de processo de seleção de assistente convidado para a lecionação e coordenação da UC de Geometria (com avaliação curricular, exame e entrevista), integrei a escola no momento de renovação que se vivia em 2006. No caso particular da UC de Geometria, a mudança não se coadunava com uma simples migração de estratégias de ensino-aprendizagem para o novo contexto formativo. Se a adaptação a Bolonha implicou uma redução substancial dos tempos de contacto da UC (passando de um total de 6 horas semanais para 3 horas por semana), também o desenho global do novo plano de estudos exigia uma profunda revisão dos conteúdos e metodologias seguidas na UC. A natureza dos exercícios desenvolvidos, atendendo ao facto de estarmos do ensino superior universitário e num curso de arquitetura, necessitava de se libertar da modalidade de resposta unívoca, concretizada por via de exercícios de resposta gráfica a enunciado estritamente projetivo, para passar a assentar em problemas que promovessem o sentido crítico e criativo dos estudantes na manipulação do léxico geométrico em resposta a problemas do foro espacial, materializados graficamente. Do ponto de vista temático, os

problemas propostos a partir desta lógica solicitavam à sua elaboração valores patentes na agregação e transformação formal dos *Froebel Gifts*, presentes na formação de Frank Lloyd Wright (incluindo os *Lincoln Logs* inventados pelo seu filho), da *House of Cards* de Ray & Charles Eames, do *World Game*[®] de Bukminster Fuller, a par de potencialidades modulares auferidas por *Legos*, *Mecanno* e *Tangrams*, ou da modelação de superfícies seguindo estratégias do Origami e Kirigami. A metodologia aplicada convoca uma participação ativa dos estudantes, implicados numa cultura de pesquisa e experimentação. Mediante a possibilidade de combinatória e manipulação de premissas (associação e transformação poliédrica, geração e modelação de superfícies, etc.), cada estudante tem a oportunidade de perseguir motivações pessoais. Tal exige a consideração de hipóteses e elaboração de modelos, integrando a compreensão de pressupostos de transformação dos elementos geométricos e a escolha acertada de recursos projetivos, estimulando capacidades de autonomia interpretativa e crítica, num processo dinâmico de descoberta e potenciação criativa. Persegue-se assim, uma consideração holística da Geometria, contrariando a sua redução a mero suporte de representação gráfica.

A convicção numa metodologia de ‘Aprendizagem por Projeto’, em linha com o espírito global do curso, foi ganhando progressivamente presença, determinando a prática pedagógica e respetiva investigação desenvolvida no ensino da geometria. A materialização destas experiências e respetiva estratégia de ensino-aprendizagem, foi ganhando progressivamente forma sendo sujeita a discussão em fórum científico, I Encontro Internacional Educação Artística, com a comunicação “Por entre jogos geométricos no processo de projecto”. Porém, tal não significou uma cristalização da estratégia ou exercícios implementados, que deveriam ciclicamente ser revistos e ajustados. São disso exemplo posteriores comunicações como “Espaço e imagem, Abstracção e materialização. Dois exercícios de investigação em geometria”, no II Encontro internacional Educação artística, ou “Senza di

noi ogni fatica e vana”, no âmbito das ‘Jornadas Pedagógicas’ promovidas pela direção de curso do Miarq em 2012. Com resultados testados e consolidados, a estratégia implementada é apresentada a pares envolvidos no ensino da Geometria nas escolas públicas de arquitetura em Portugal, organizando-se em parceria com Teresa Pais (DARQ) e Alexandra Castro (FAUP) o encontro ‘Geometria. Práticas no Ensino da Arquitectura’, do qual se publica uma síntese dos resultados no livro de atas do evento, “Geometria Miarq_EAUM”. Ou ainda, no rescaldo da emergência pandémica, a comunicação “Learning Geometry through design problems during the state of emergency”, no workshop LEARN[IN] II Digital Learning Spaces. A comunicação resultou de uma aventura conjunta com João Pedro Silva que, de 2018 a 2021, partilhou comigo as inquietações da lecionação da UC. Nesta sequência é ainda de expor a partilha de experiências com os colegas da UniGe, Cristina Candito e Alessandro Meloni, e de Roma³, Laura Farroni e Matteo Flavio Mancini, que abriram espaço à transferência das experiências desenvolvidas a outros contextos formativos, bem como a incorporação de novos contributos. Ou ainda, a colaboração com Cidália Silva no projeto de cooperação LEARN[IN] com as escolas de arquitetura de Heidelberg e Florença. Mais recentemente, e já na expectativa da reformulação da UC de *Geometria*, a apresentação no ‘Applying Education in a Complex World’, de 2023, da comunicação “Learning through design problems. Geometry and architectural reasoning”.

Um percurso pautado por sucessivos contributos e ajustes integrando novas circunstâncias e exigências, como, por exemplo, a ampliação do instrumental aplicado às oportunidades oferecidas pelo digital. Neste encalce, destaca-se o cruzamento simultâneo de sistemas projetivos (convocando uma compreensão mais abrangente dos elementos concebidos e representados), propostas de trabalho de desenvolvimento sequencial (permitindo maior grau de aprofundamento sobre uma problemática formal e operações projetivas) e a ampliação de modelos de suporte

(físicos e virtuais). Adensa-se neste caminho aspetos projectivos, expressivos do desenho e, sobretudo, capacidades de raciocínio espacial, condição indissociável da presença da geometria na formação em arquitetura.

Investigação

Em 2013 foi criada a unidade de I&D Lab2PT que, confesso, mergulhado à época nas Arquiteturas Imaginárias da minha investigação doutoral, só posteriormente vim a tomar consciência da sua missão e respectivas ressonâncias para o quotidiano da escola. A novidade desta unidade de I&D consistia, e consiste ainda hoje, na articulação entre duas unidades orgânicas da Universidade do Minho (EAAD e ICS), e, consequentemente, a intersecção entre os domínios da arquitetura, artes visuais, design, arqueologia, história, geografia e geologia.

Um desafio exigente e em permanente aprofundamento crítico, nomeadamente pela identificação de temas de investigação relevantes à contemporaneidade e transversais aos atores desta comunidade composta por um coletivo de 160 investigadores doutorados, doutorandos e colaboradores. Diretamente implicado no recente processo de avaliação da unidade, enquanto adjunto da direção liderada por Fátima Moura Ferreira, e apesar da ideia generalizada de dispersão de interesses ou atividades, a verdade é que se identificaram filões de incidência comuns e oportunidades de intersecção múltiplas. Dessa reflexão e momento de revisão crítica das atividades desenvolvidas resultou a identificação de transversalidades que urge agora urdir na concretização de atividades futuras. Assim, na abrangência das escalas espaciais, temporais e tecnológicas trabalhadas, que procuram unir uma compreensão crítica do passado a propostas de futuro, as atividades desenvolvidas agregam-se sobre palavras chave como: paisagem, património, território, sociedade, tecnologias e representação.

Nesta complexa teia, e não desistindo do aprofundamento de aspetos particulares a cada uma das disciplinas envolvidas, nomeadamente das práticas de investigação assentes no projeto e criação artística, a comunidade Lab2PT procura o robustecimento de exercícios e resultados de investigação por via de práticas colaborativas. Contudo, tal implica a desconstrução de idiosincrasias próprias de cada uma das áreas de conhecimento, abrindo lugar ao seu reposicionamento e lançamento de pontes que fortalecem o questionamento gerado, metodologias desenvolvidas e resultados conquistados. Um desafio, nem sempre fácil, mas que de outro modo nos deixaria reféns de compartimentalizações absolutas e redutoras não admitindo a incorporação da complexidade do mundo. Para isso, continua-se a trilhar caminho na descoberta de um chão comum estimulador do questionamento de léxicos, *modus operandi* e posicionamento crítico. E se o desafio de cruzamento disciplinar era já grande entre a comunidade e domínios do Lab2PT, este foi grandemente ampliado pela integração no Laboratório Associado IN2PAST, que coloca em rede sete unidades de I&D nacionais com distintas valências e áreas de saber, mas revelando afinidades amplas por via dos domínios do património, artes, sustentabilidade e território.

Nesta procura de interseções, e de entre as atividades desenvolvidas, é de destacar a concretização do ‘Congresso Internacional Uncertain Landscapes’ em 2023, comissariado pelas investigadoras Marta Labastida e Rebeca Blanco-Rotea, que teve como objetivo ampliar perspectivas sobre a paisagem, fomentar cruzamentos disciplinares e reavaliar categorias tradicionais de pensamento. Um encontro, em linha com a marca almejada pelo Lab2PT que, frequentemente, persegue na sua atividade temas, territórios e comunidades, nas margens de práticas comuns da investigação.

Num momento inicial, as atividades de cada investigador/docente da EAAD repercutiam as questões levantadas individualmente nas suas investigações doutorais. Porém, progressivamente, se identificam pontos de contacto dentro

da escola, mas também com investigadores de outras áreas do Lab2PT, superando fronteiras disciplinares ou a distribuição por grupos de investigação: Paisagens e Sociedades — Lands; Projeto e Tecnologia — DeTech; Espaço e Representação — SpaceR.

Essa foi, pelo menos, também uma das características do meu percurso de investigação. Enrolado entre os domínios da geometria, a partir da cultura e representação arquitetónica, a minha investigação doutoral debruçou-se sobre Arquiteturas Imaginárias, ou melhor, espaços ilusórios no barroco português e respetivos conteúdos científicos cruzando os domínios da arquitetura, ótica e matemática. Um campo que me parecia, à partida, um caminho difícil e solitário. Contudo, daí abriram-se possibilidades de interseção com outras escalas de incidência cronológica ou geográficas. Dentro da Escola, e nos domínios da ilusão, a colaboração com José Capela levou à participação no curso breve de cenografia (uma aventura 3 vezes repetida) e à organização do evento 2D/3D. *Producing Illusion*. No mesmo domínio, mas com contextos mais distantes, a parceria com Magno Melo, da Federal de Belo-Horizonte, no estudo da quadratura e na transferência de teorias e práticas entre os dois lados do Atlântico. Nas interseções da arquitetura com a matemática, a reboque dos conteúdos da tratadística, a colaboração com Elfrida Ralha, a propósito dos estudos em gnomónica e a inventariação de relógios de sol ou do edifício dos oratorianos em Braga. Atividades nas quais se integraram outros investigadores da matemática (Ângela Lopes), arquitetura (Gisela Gomes, Beatriz Braga, Lucas Carneiro e Maria Maia), e História de Arte (esta por via do Raúl Sampaio que connosco colabora desde Seul). Mas poderia também apontar as interseções entre a arquitetura e música barroca, aprofundadas com o maestro Ricardo Bernardes.

Ainda, a partir da tratadística e matemáticos e cartógrafos envolvidos em expedições de representação do Novo Mundo, tendo presente a questão das redes de conhecimento

à escala global, a participação no projeto *TechNetEmpire* liderado pela Alice Santiago, a par do meu colega Jorge Correia. Expandindo a novas perspetivas de investigação, o estudo do acervo documental de expedições e viagens modernas (diários de expedições, desenhos, cartografia e panoramas/vedute) levaram à constituição do projeto *CosimoTOUR*, inter-setando domínios da arquitetura, desenho, geografia e história, aí coadjuvado por Nunziatella Alessandrini. Partido dos mesmos recursos documentais o projeto *Narrativas Visuais — viagem e imagem da paisagem portuguesa*, em parceria com Natacha Moutinho. Uma atividade que, embora centrada num extenso acervo documental do período moderno, procura leituras transcronológicas relativamente aos domínios instrumentais, científico e processual da representação da paisagem. Já expandindo as questões da representação a cronologias mais recentes, as interseções entre práticas do desenho de Álvaro Siza e Alvar Aalto, enquadradas na ressonância imagética no tempo longo da cultura ocidental, no âmbito do projeto *Enraizar* liderado por Eduardo Fernandes.

Não constituindo os casos apontados uma lista exaustiva de interseções de campo e colaborações, ficando certamente por referir muitas das pessoas com que me cruzei ao longo deste percurso na EAAD, transparece daqui uma questão essencial a qualquer escola: as relações entre docentes, investigadores, funcionários e estudantes, com quem testemunho coletivamente o quotidiano desta Escola.

O testemunho de
Ana Luísa Rodrigues,
Jorge Correia e João
Cabeleira, escritos em
2025, foi composto
pela Design by OOF
em caracteres Plantin
12/14, em outubro de
2025. Esta compilação
foi impressa em
risografia pelo Studio
Arco Ignis, em papel
Arena Ivory Rough
120g e capa em 250g,
numa tiragem de
150 exemplares.

EAAD'25
Testemunhos de
Jorge Correia,
Ana Luísa Rodrigues
e João Cabeleira

Coordenação
Paulo Cruz

Edição
Escola de Arquitetura,
Arte e Design
Universidade
do Minho

Design editorial
Design by oof

Tipo de letra
Plantin 12/14

Impressão risográfica
Studio Arco Ignis

Papel
Arena Ivory Rough
120g (capa em 250g)

Tiragem
150 exemplares

ISBN
978-989-35942-1-6

Guimarães,
outubro 2025



Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

